

2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias: O Caso da Oficina de Turismo Social - Viver São Paulo (UnATI/ EACH/USP)

[Artigo 2, páginas de 20 a 37]



**Patrícia Aparecida da Silva
Novak**

Graduanda em lazer e turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Monitora da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo/Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI)/EACH/USP
patricia.novak@usp.br

Marcelo Vilela de Almeida

Docente do curso de graduação em lazer e turismo e do programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Coordenador da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo/Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI)/EACH/USP.
marcelovilela@usp.br

RESUMO

O presente texto aborda um projeto de extensão desenvolvido no âmbito da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo. Oferecida semestralmente desde 2009 de forma ininterrupta, conta atualmente com a participação de aproximadamente 150 idosos(as) e já promoveu a visita a mais de cem diferentes locais do município de São Paulo. Por meio da história oral, realizou-se, entre julho e agosto de 2019, uma coleta de dados (entrevistas) junto a dez idosos(as) participantes da atividade, que relataram alguns aspectos relativos ao envolvimento com o projeto e os benefícios dele decorrentes para a memória, a aprendizagem e a sociabilidade, entre outros. Entre os principais aspectos mencionados pelas(os) entrevistadas(os) destacam-se os vínculos afetivos criados e/ou fortalecidos, a descoberta da cidade e de suas atrações, a aquisição de conhecimentos e as lembranças ativas por meio das visitas. Conclui-se que existe um forte sentimento de apropriação, por parte das(os) idosos(as), desta atividade e, conseqüentemente, da cidade, revelando o potencial educativo da oficina e a importância que tal participação adquire na expansão do universo cognitivo, bem como na construção de laços sociais.

Palavras-chave: turismo social; Oficina de Turismo Social Viver São Paulo; história oral; memória.

ABSTRACT

The current text is related to an extension project developed by Third Age Open University (Universidade Aberta à Terceira Idade - UnATI) from School of Arts, Sciences and Humanities (Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH) of University of São Paulo (Universidade de São Paulo – USP), the Social Tourism Workshop – Viver São Paulo. Since 2009, the workshop has been offered every semester uninterruptedly, with currently approximately 150 seniors taking part of it, and already promoted the visitation of more than 100 different places in the city of São Paulo. Between July and August 2019, data collection was realized through oral history, interviewing ten seniors who joined the activities, explaining aspects related to the involvement with the project and the benefits of it related to the memory, the learning, and the sociability, among others. Within the main aspects mentioned by the interviewees, the highlights were the affective bond created and/or strengthened, the discovery of the city and its attractions, the acquisition of knowledge and the memories brought back due to the visits. In conclusion, there is among the participants a strong feeling of appropriation of the activity and, consequently, the city, revealing the educational potential of the workshop and the importance that joining it has in the expansion of the cognitive universe, as well in the construction of social bonds.

Keywords: social tourism; Oficina de Turismo Social Viver São Paulo; oral history; memory.

INTRODUÇÃO

O presente texto aborda um projeto de extensão desenvolvido no âmbito da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo. Oferecida semestralmente desde 2009 de forma ininterrupta, já promoveu a visita a mais de cem diferentes locais do município de São Paulo.

O constante convívio com as/os idosas(os) participantes da oficina e a relação de confiança estabelecida a partir deste convívio possibilitou, por meio da história oral, a coleta de dados de dez idosas(os) participantes da atividade, que relataram alguns aspectos relativos ao envolvimento com o projeto e os benefícios dele decorrentes para a memória, a aprendizagem e a sociabilidade, entre outros.

Inicialmente aborda-se, de forma breve, aspectos conceituais sobre turismo social que subsidiam a prática do projeto; em seguida, descreve-se a dinâmica da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo e, posteriormente, apresentam-se os resultados parciais da pesquisa (em andamento)¹ com as/os idosas(os) sobre suas percepções a respeito do projeto em suas vidas.

A NOÇÃO DE TURISMO SOCIAL

Beni (1996), nos anos 1990, afirmava que o mundo estava no alvorecer de um novo tempo do turismo, “(...) uma era de viagens em escala maciça verdadeiramente global” (Beni, 1996, p. 73), e que pessoas de todas as classes sociais e de todos os países viajariam para todos os cantos do planeta; entretanto, não eram, até o fim do século XX – e ainda não são, de fato – todas as camadas da população que tinham/têm acesso às viagens: um grande contingente continuaria, ainda, excluído dos movimentos turísticos, por vários motivos, sendo a falta de condições financeiras o mais comum. Esse e outros fatores levariam ao surgimento, em diversos países, de mecanismos que facilitariam a inclusão de determinados grupos nos movimentos turísticos, tais como as/os trabalhadoras(es), as crianças e adolescentes, as pessoas com deficiência e as/os idosas(os).

A pesquisa de campo é parte integrante de monografia a ser apresentada ao curso de graduação em lazer e turismo da EACH/USP, orientada pela Profa. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Surge, assim, em meados do século XX, a noção de turismo social, definido por Walter Hunziker (apud Fúster, 1985, p. 693-694) como “(...) o conjunto de relações e fenômenos de ordem turística resultantes da

1 A pesquisa de campo é parte integrante de monografia a ser apresentada ao curso de graduação em lazer e turismo da EACH/USP, orientada pela profa. dra. Valéria Barbosa de Magalhães.

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

participação de categorias sociais economicamente débeis”. Esta definição, tornada clássica pelos estudiosos, acabou sendo lapidada por outros pesquisadores e influenciada pelas encíclicas papais e pelas tendências socialistas do século XX, segundo Fúster (1985), passando a ser compreendida como:

(...) o conjunto de relações e fenômenos que provêm da participação no campo do turismo de estratos sociais economicamente débeis; participação que se faz possível ou se facilita por medidas de caráter bem definido, mas que implicam um predomínio da ideia de serviço e não a de lucro (Fúster, 1985, p. 694).

Uma noção importante que passa a ser incorporada mais recentemente ao conceito de turismo social é a de acessibilidade, visto que nem sempre a limitação socioeconômica é a principal responsável pela ausência de participação nos movimentos turísticos; entretanto, tal noção também adquire diferentes compreensões, variando de país para país e de acordo com os diversos contextos socioeconômicos (Diekmann; McCabe, 2011 apud Diekmann; Jolin, 2013). Para a Organização Internacional de Turismo Social (Oits), que incluiu tal noção em seu estatuto:

Trata-se de tornar o turismo, as férias e suas vantagens acessíveis não apenas às camadas sociais que auferem rendimentos modestos (como definido anteriormente), mas também àquelas com características particulares que constituem obstáculos a esta acessibilidade. Além disto, a nova definição estabelece que tal acessibilidade diz respeito tanto às populações que viajam como àquelas dos países visitados. Neste sentido, o turismo social introduz uma dimensão de solidariedade entre visitantes e visitados. Enfim, a definição determina que o atendimento a esta acessibilidade envolva ao mesmo tempo os atores da sociedade civil e os poderes públicos (Diekmann; Jolin, 2013, p. 5).

Entretanto, apesar de sua importância para a inclusão social nos movimentos turísticos e de lazer de significativas parcelas da população e de seu potencial como instrumento de educação não formal e de promoção da cidadania, o turismo social é, ainda, um fenômeno marginal se comparado ao turismo convencional oferecido pelo setor empresarial, compreendendo iniciativas mais ou menos significativas de acordo com a importância a ele atribuída mundo afora.

No Brasil, merece destaque a atuação do Serviço Social do Comércio (Sesc) desde as suas origens, em meados da década de 1940, por meio da criação de estabelecimentos de hospedagem e da organização de roteiros turísticos. No estado de São Paulo, por exemplo, as atividades de turismo social iniciam-se em 1948, com a inauguração do centro de férias Sesc Bertioga, localizado no município litorâneo de mesmo nome; e, em 1951, iniciam-se as atividades de turismo emissivo, por meio de excursões rodoviárias com pernoites.

A fim de contribuir para minimizar a ausência de iniciativas neste campo e, ao mesmo tempo, de possibilitar o engajamento da universidade no enfrentamento de tais questões como forma de cumprir seu papel no ensino, na pesquisa e na extensão universitária é que surge a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo, cuja dinâmica será descrita a seguir.

A OFICINA DE TURISMO SOCIAL – VIVER SÃO PAULO

Criada no primeiro semestre de 2009, a Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo surge com o objetivo geral de possibilitar a ascensão sociocultural dos participantes (um dos objetivos do turismo social) por meio do deslocamento a pontos de interesse turístico-recreativo (seja pelo aspecto cultural e/ou natural) do município de São Paulo. Seus objetivos específicos são:

- Apresentar aos participantes as características de alguns dos principais atrativos e espaços/equipamentos turísticos e de lazer sob a perspectiva do turismo social;
- Propiciar a sociabilização dos participantes, o convívio intergeracional, a autonomia e a troca de informações e experiências entre eles a respeito dos conteúdos das visitas;
- Desenvolver um olhar diferenciado sobre a fruição turística (ainda que ocorrida na própria cidade em que vivem) que contemple aspectos como o direito à cidade, as memórias evocadas pelas visitas e a interação com o patrimônio cultural e natural e o ambiente urbano (mobilidade, acessibilidade etc.), entre outros.

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:

O Caso da Oficina de Turismo Social –

Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

A atividade prática baseia-se em encontros quinzenais com as (os) idosas/os, sendo que ao menos dois deles (o primeiro e o último) acontecem em sala de aula/auditório da EACH/USP, para apresentação do programa e para avaliação final/encerramento das atividades; os demais encontros (seis a sete, no total, com duração aproximada de duas horas cada) acontecem em locais de interesse turístico-recreativo do município de São Paulo (preferencialmente gratuitos).

Cabe às/aos monitoras(es) do projeto (estudantes de graduação) providenciar o agendamento das visitas aos locais definidos previamente e manter constante comunicação com os participantes por telefone (incluindo WhatsApp), e-mail e internet – blog da oficina², página³ e grupo na rede social Facebook⁴ – as(os) monitoras(es) devem, ainda, acompanhar as visitas, auxiliando as/os participantes, quando necessário, em relação ao acesso aos locais, interagindo continuamente com as/os alunas(os) da UnATI e com as/os monitoras(es) dos espaços.

Do ponto de vista da formação profissional das(os) estudantes envolvidas(os), além de possibilitar o contato com o tema, busca-se oportunizar a prática profissional do planejamento e operacionalização de atividades turísticas, tendo em vista não apenas uma formação tecnicista, mas, sobretudo, o protagonismo na condução de ações de inclusão social por meio da educação para e pelo o turismo. Espera-se, ainda, que as/os estudantes selecionadas(os) continuem envolvidas(os) com o tema em outros projetos (de iniciação científica e/ou monografia, por exemplo), a fim de integrar a ação extensionista à pesquisa e ao ensino – o que já vem ocorrendo em alguns casos, como é o caso do texto ora apresentado.

2 Disponível em: <http://oficinadeturismosocial.blogspot.com.br/>. Acesso em: 12 out. 2019.

3 Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/313991178783590/>. Acesso em: 12 out. 2019.

4 Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/313991178783590/>. Acesso em: 12 out. 2019.



A atividade prática baseia-se em encontros quinzenais com as (os) idosas/os em locais de interesse turístico-recreativo do município de São Paulo (preferencialmente gratuitos).

Durante todo o projeto, são realizadas atividades de avaliação tanto das(os) estudantes envolvidas(os) (quanto ao nível de engajamento e participação na condução das atividades) como das(os) participantes idosas(os), por meio do uso de instrumentos de avaliação adequados a cada caso – especificamente no caso das(os) idosas(os), utilizam-se formulários de avaliação das atividades, aplicados ao fim de cada semestre, para constante aperfeiçoamento do projeto.

A oficina tem sido uma das atividades mais procuradas pelas(os) idosas(os) no âmbito da UnATI/EACH/USP: no início do segundo semestre de 2019, por exemplo, recebeu em torno de 250 inscrições para 150 vagas disponibilizadas (que dão origem a três grupos de 50 pessoas para a realização das visitas). Tal procura é resultado do alcance midiático obtido pela atividade, a partir de reportagens realizadas sobre o projeto, como as exibidas na TV USP⁵, em 29 de maio de 2017, e no SPTV⁶, da Rede Globo, em 29 de julho de 2017.

Os resultados destes processos de convívio e aprendizagem intergeracional têm sido constantemente apresentados em eventos, como o Simpósio Aprender com Cultura e Extensão e, mais recentemente, no 4º Simpósio Internacional/5ª Conferência Anual da Federação Internacional de História Pública (2018). O detalhamento do projeto foi publicado como capítulos de livros no Brasil (Almeida; Cachioni, 2012) e em Portugal (Rodrigues; Almeida, 2018).

É importante destacar, ainda, que, embora a ideia tradicional de turismo compreenda o deslocamento do sujeito para fora do seu local de residência, optou-se por denominar esta atividade como turística a partir dos pressupostos teóricos defendidos por Gastal e Moesch (2007), que abordam os deslocamentos realizados por residentes em suas próprias cidades a partir da existência, no território urbano, de fixos (tais como praças, edifícios e monumentos) e de fluxos (ideias, comportamentos e culturas que movimentam e marcam este território):

As pessoas, moradoras ou usuárias das cidades, fazem parte dos fluxos que percorrem esses espaços. Colocar os moradores das cidades em movimento – assumindo sua condição de fluxos – para fora de suas práticas rotineiras será uma prática a ser incentivada, num mundo marcado pelos novos nomadismos. Este movimento irá transformar as pessoas em turistas, que irão, no deslocamento, apropriar-se com maior competência dos espaços e situações, num novo exercício de cidadania.

5 Disponível em: <https://youtu.be/2022iNCP50M>. Acesso em: 14 nov. 2019.

6 Disponível em: <https://globoplay.globocom/v/5973784/>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

Para o cidadão turista, os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se a relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar a própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano.

7 Grifo original.

Trata-se, assim, do conceito de *turista cidadão*⁷, envolvendo o habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer, quebrando o modelo existencial da sociedade industrial criticado por Jost Krippendorf (trabalho – moradia – lazer – viagem), de acordo com o qual o lazer – as práticas sociais capazes de restabelecer o equilíbrio físico e emocional do sujeito contemporâneo – só seria possível em lugares distantes da própria residência (Gastal; Moesch, 2007, p. 59-60).

Segundo as autoras (Gastal; Moesch, 2007), tais práticas seriam capazes, ainda, de modificar a visão alienante e meramente destinada ao entretenimento banalizado pela cultura de massas que – não sem razão – normalmente atribui-se ao turismo:

Por outro lado, falar em turista cidadão seria avançar no conceito, e supor o sujeito formado e politicamente atuante nessas práticas. O sujeito que entendeu os fixos precisa apropriar-se dos fluxos (...).

Em ambos os casos, a grande metodologia desencadeadora dos processos seria o estranhamento. Essa metodologia implicaria incentivar a leitura do não verbal como uma estratégia de destruição, na cidade, do seu sistema de ordem, estabelecido ante olhares sem inquietação. A destruição da ordem dada seria capaz de produzir um afastamento da cidade como espaço cotidiano rotineiro e ao qual se está habituado. Não é possível ler o que não se consegue estranhar. Essa distância estratégica entre o usuário leitor e seu espaço diário na cidade permite-lhe ler, ver e descobrir (Gastal; Moesch, 2007, p. 60-61).

Assim, tal estranhamento insere-se, implicitamente, como um dos objetivos da oficina, por meio do estímulo à busca de novos olhares

sobre os fixos da cidade, sobre a inserção dos atrativos no espaço urbano, sua localização e elementos de acesso, dentre outros.

A seguir, apresentam-se alguns resultados decorrentes da participação das(os) idosas(os) na atividade e seus efeitos nos âmbitos individual e social, coletados a partir do método da história oral.

PERCEPÇÕES DAS(OS) IDOSAS(OS) SOBRE A OFICINA DE TURISMO SOCIAL – VIVER SÃO PAULO

A história oral, enquanto metodologia, serve para rememorar e relembrar fatos da história de vida de sujeitos ou de uma coletividade, demonstrando que através de testemunhas e de depoimentos a memória é identificada como um processo de construção e reconstrução em momento presente, passando a ser uma parte da identidade que se refere a comportamentos e mentalidades coletivas, e o relembrar individual está relacionado à inserção social e histórica de quem está dando o depoimento.

Bosi (1994, p. 411) ressalta que “(...) por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

Um estudo pautado no relato oral é feito através do contato direto com as pessoas e seus sentimentos, suas sensibilidades e subjetividades, envolvendo suas histórias e suas memórias. As buscas a respeito da história de vida das pessoas idosas utilizam, frequentemente, a memória como expressão de suas vivências e lembranças.

A história oral é considerada fonte relevante para a compreensão da realidade e as entrevistas constituem sua base. No caso desta pesquisa, as entrevistas realizadas foram do tipo temáticas, pois tiveram como principal foco o indivíduo; a exploração do tema foi feita através de questões orientadas e de um roteiro temático que orientou a entrevistadora a buscar informações, durante a entrevista, precisas, localizadas, pontuais e relacionadas aos objetivos do estudo (Santhiago; Magalhães, 2015).

As entrevistas foram realizadas em dias distintos, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados:

- 17 jul. 2019: sete entrevistas com cinco mulheres e dois homens, com idades entre 56 e 79 anos, realizadas no Shopping Metrô Tatuapé (São Paulo, SP), no período da manhã, logo após participarem da caminhada matinal que fazem no local.

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

- 19 jul. 2019: duas entrevistas com duas mulheres, com 67 e 79 anos, no ginásio da EACH/USP (São Paulo, SP), no período da tarde (entre 15h e 16h), antes do início da aula de dança sênior.

- 29 ago. 2019: uma entrevista com uma mulher de 72 anos, no saguão do Edifício Martinelli (São Paulo, SP), logo após a visita do grupo de participantes da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo ao local.

Todas(os) as/os entrevistadas(os) assinaram a carta de cessão e concordaram que seus nomes fossem citados quando necessário. Durante as entrevistas, foram encontradas algumas dificuldades quanto ao entendimento das perguntas por parte de algumas/alguns das(os) entrevistadas(os), sendo necessária, por vezes, a intervenção da entrevistadora para uma explanação mais adequada da pergunta visando que fosse melhor compreendida e para que a resposta estivesse de acordo com os objetivos do estudo.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e os áudios de cada uma/um das(os) entrevistadas(os), referente às suas participações, foram enviados entre os dias 25 e 29 de setembro de 2019. Optou-se por apresentar a reprodução dos depoimentos sem edições ou correções. Para este texto, foram selecionados os trechos das entrevistas que tratam da adesão à oficina e das memórias evocadas pelas visitas.

O primeiro aspecto a ser destacado diz respeito ao ingresso na oficina. Para algumas/alguns dos participantes, o projeto representou uma primeira possibilidade de sentir-se turista em sua própria cidade:

Naquela época era de trabalhar, dois dias depois que eu cheguei, já fui trabalhar, não tinha muito como eu sair e conhecer os locais, nem dinheiro para gastar, né. Estou vivendo hoje, né, hoje, depois que fiquei viúva que eu comecei a andar por São Paulo, tô conhecendo, né? (entrevistada 4 – sra. Maria da Graça Guedes Ferreira, 79 anos).

Motivo maior foi o fôlder dizendo: Viver São Paulo. Como eu só trabalhei em São Paulo, não tinha vivido nada, passear nem nada, então, viver; agora queria saber o que é Viver São Paulo, aí eu me inscrevi, isso foi em 2009, aí onde eu comecei e até hoje continuo, num paro mais (entrevistada 2 – sra. Ana Kumagai, 74 anos).

(...) Aí eu com a Sueli fomos lá para fazer inscrição e chegou lá a gente não sabia nada, só que pegava um número de senha e as vagas, aí que a gente foi ver aquela lista o que tinha (...) aí apareceu lá turismo social. Nossa, que será que é, né? Eu falei, que será turismo social? Como é que é Viver? Aí nós, ah, a única que interessou de tudo que tinha, desculpa, a gente resolveu entrar no turismo social e entramos e adoramos né? Então eu falo para a turma: a gente vai na USP para passear (entrevistada 1 – sra. Cecília Paulon da Costa, 72 anos).

Como pode ser observado no depoimento anterior, em alguns casos o primeiro contato com o projeto se dá de forma quase incidental, convertendo-se, posteriormente, em uma atividade de elevado significado – neste caso, em particular, associado ao vínculo com a USP. Já no depoimento a seguir, o desejo de participar da atividade está associado à vida laboral da respondente na área de turismo, representando uma situação bastante peculiar:

É uma área muito gostosa, é minha área de turismo, eu sou formada em turismo e gosto da área. Agora eu sou aposentada em turismo, então eu falei, tem que ter um jeito de continuar é me divertindo, conhecendo melhor São Paulo, através da minha, do turismo que é o que eu adoro, aí surgiu essa oportunidade e eu não quero perder, vou até o fim em todos os cursos, não perco nenhuma apresentação, que eu acho importante, você conhece muitos lugares, mas você nunca conhece como a gente conhece pelo turismo, porque tem guia, tem informações que você nunca soube, coisas que nunca viu, lugares que você foi e não viu tal coisa, não viu tal detalhe, é maravilhoso o turismo eu adoro a minha área, eu gosto muito (entrevistada 10 – sra. Meire Pereira da Silva Siano, 56 anos).

Também é comum a atuação de amigas(os), colegas e conhecidas(os) na apresentação da oficina às/aos idosas(os), como pode ser observado, por exemplo, nos depoimentos a seguir:

Então, eu comecei a frequentar aqui a caminhada do shopping e conheci a Dalva, a Arlette, né, e com elas que eu fui para a USP, e através delas que eu fiquei conhecendo e comecei a participar (entrevistada 8 – sra. Neusa de Araújo Ribeiro, 72 anos).

Artigo 2Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

(...) a Ana me levou, (...) ela foi uma vez na minha casa e a minha irmã tava lá e começou a falar que ela tava fazendo esse curso, Viver São Paulo e tudo, e a minha irmã se interessou, ficou conversando bastante com ela e tudo, depois ela falou: porque você não vai fazer? Faz e coisa, num sei o quê, porque já tava de quinta fazendo. Ai eu peguei, eu falei tá bom, então eu falei pra ela, eu falei Ana, quando tiver inscrição você me avisa, aí ela me avisou eu fui fazer e tô até hoje lá (Entrevistada 9 – sra. Catarina do Carmo de Oliveira, 76 anos).

Tal situação revela um aspecto importante da participação na atividade: o caráter coletivo, que pode se manifestar previamente, levando à participação (como nos depoimentos anteriores), ou mediante o ingresso no grupo, por meio da criação de novos laços de amizade.

Mas, sem dúvida alguma, um dos efeitos mais significativos da oficina sobre as(os) participantes é a evocação das memórias, como pode ser verificado nos depoimentos a seguir:

Sim, sim, sim, quando eu fui no não sei o quê militar, quando eu vi cavalaria, que eu andava muito à cavalo quando era criança. Ai as lembranças vieram todas... (entrevistada 3 – sra. Quiioco Fukase Fubunari, 67 anos).

Olha vou te falar uma coisa, sempre acontece uma lembrança boa que a gente tem né, sempre, sempre, para falar a verdade eu gostei de todas, mas a gente sempre lembra de alguma coisa, alguma coisa boa, você lembra do lugar que você foi e gostou. Eu até, eu me lembro da casa do... Maria Luiza. Como é que é o nome dela? (entrevistada 4 – sra. Arlette Domingues Bosquiero, 79 anos).

Chácara Lane, que tinha o pé de jaca, quando você pensou que podia ser, me lembrou muito o meu tempo de infância, porque eu sou do interior, criada com as coisas e quando você vai nesses, que nem aquela casa italiana e outras casas que a gente visitou (...), assim me põe, me remonta tempos antigos, mais antigos, tempos que eu vivi, né? Então, utensílios que usava, que fazia, eu sou do tempo que na minha casa teve colchão de palha e essas casas italianas quando é bem antiga até eles põe, acho que foi num do... não sei se... do Andrade lá, como é que chama? (...) (entrevistada 1 – sra. Cecília Paulon da Costa, 72 anos).



Tal situação revela um aspecto importante da participação na atividade: o caráter coletivo, que pode se manifestar previamente, levando à participação (...) ou mediante o ingresso no grupo, por meio da criação de novos laços de amizade.

Ahhh, isso sim, isso aí, tem muita coisa que quando a gente chega, tem muita coisa que, que a gente volta no passado, um museu, que eu tenho certeza que muita gente não gostou, porque era simples, o Museu do Relógio e aquele relógio, aquele Museu do Relógio me transportou a mil novecentos e alguma coisa, porque eu vivi naquela época e tinha e me identificava muito, com aqueles relógios, aqueles objetos que tinha naquele museu. Ele me transportou realmente ao meu passado. E assim como teve muito passeio que nós fizemos, sempre me deu essa chance de lembrar muita coisa do meu passado, muita, mesmo. Às vezes são coisinhas mínimas, são coisinhas mínimas, se eu falar para alguém é mínima, mas pra mim representa muito, porque eu vivi aquilo, eu tinha aquilo, e tem horas que eu fico olhando e nossa, eu vi isso aí pessoalmente, agora eu tô vendo depois de tantos anos, volta de novo ao meu passado, meu passado no presente, ah é por isso que eu, enquanto eu puder, eu não deixo essa oficina, por isso, porque as recordações são constantemente. (...) Eu fui uma vez numa visita só tinha em cinco pessoas, de 40 ou 50 pessoas, só tinha eu, o Marcelo, a Teresa, não, a Ana, e tinha mais um que eu não me lembro, cinco pessoas, Museu da Lâmpada, eu fiquei olhando, meu Deus do céu, como é bacana a gente ver aquilo que a gente viu, é muita coisa, tinha uns interruptor, uns negócios que nunca mais na vida eu vou ver, nunca mais, mas é preciso que a pessoa veja e saiba valorizar as memórias, tem muita gente que não sabe. Tem muita gente que não quer nem saber, foi, já era. Eu não, cada vez que eu vejo, eu me transporto, eu me transporto mesmo e vou continuar assim enquanto eu puder viver e lembrar do passado eu acho que é uma coisa muito importante para mim (entrevistado 6 – sr. Raimundo Correia da Silva, 76 anos).

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:
O Caso da Oficina de Turismo Social –
Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

É curioso notar que nem todas as lembranças são agradáveis – em alguns casos, as visitas evocam memórias sensíveis que, de outra forma, talvez permanecessem ocultas no íntimo das(os) entrevistadas(os), como comentado por um dos participantes:

Em algumas visitas, eu fiquei até um pouco abalado, por exemplo, conhecer o Museu da Resistência, aquilo me veio, me trouxe, me remeteu aos tempos da luta, chamaram de luta armada, eu nunca me armei para lutar, eu fui um combatente da, contra a ditadura e naquela época eu sofri na carne todo o tipo de repressão e de tortura e lá me trouxe de volta uma energia, lembrança ruim, uma energia ruim e outro momento ruim foi conhecer o que restou do Carandiru, que hoje tá lindo, maravilhoso, virou um parque, o Parque da Juventude, mas que ainda tem uma energia muito forte, negativamente falando, mas foram esses momentos sim que me abalaram um pouquinho, um pela energia negativa e o outro pelas más lembranças e a oração que aquilo lá nunca mais voltasse a acontecer (entrevistado 5 – sr. Raí Araújo, 67 anos).

Este relato ilustra de forma muito contundente o potencial que esta atividade, conduzida sob uma perspectiva que vá além da mera contemplação a ícones do turismo convencional, pode ter no sentido de possibilitar um novo olhar do indivíduo sobre a história social, bem como sobre a sua própria história de vida.

Cabe lembrar que, com frequência, as memórias são compartilhadas com as/os demais visitantes (participantes da oficina e/ou visitantes independentes), permitindo, ainda, outros desdobramentos destes contatos com o passado:

É, a gente comenta, às vezes você ouve, né, um falando com o outro, então é muito legal (entrevistada 1 – sra. Cecília Paulon da Costa, 72 anos).

Por fim, cabe destacar que a participação na pesquisa possibilitou, por meio da memória, uma reflexão sobre a própria condição de turista no passado:

(...) E eu também adorei porque tem muito lugar que eu não conhecia porque eu quase não saía daqui, eu moro lá em Ermelindo [Matarazzo, bairro periférico de São Paulo] há 60 anos e eu quase não saía, meu pai trabalhava ali na fábrica, era alugado, a única coisa que fazia nas férias era ir para a praia, que a minha mãe tinha uma afilhada dela que tinha casa lá em Peruíbe, lá para aqueles lados e a gente ia pra lá. Então não era de conhecer lugares, de sair. Eu adorei muito esse curso e tô adorando mais. (entrevistada 9 – sra. Catarina do Carmo de Oliveira, 76 anos).

É interessante notar a visão da depoente sobre suas limitadas possibilidades de práticas turísticas no passado, associada ao prazer decorrente da participação atual na oficina. Apesar das diferenças entre tais práticas relatadas pela entrevistada (no caso das viagens à praia existia um deslocamento efetivo a outro território), verifica-se, aqui, que a respondente estabelece uma conexão entre ambas as experiências, claramente identificadas como turísticas, ainda que no segundo caso (vivências na cidade de São Paulo) não exista o referido deslocamento físico a outra cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado, os dados aqui apresentados relacionam-se a uma pesquisa em fase de finalização; mas, de qualquer forma, destacam-se alguns aspectos que contribuem para uma desejável ressignificação do turismo para além da visão alienante que muitas vezes caracteriza este fenômeno quando desenvolvido unicamente a partir da perspectiva comercial.

Identificou-se um forte sentimento de apropriação da atividade, por parte das(os) idosas(os), e, conseqüentemente, da cidade, revelando o potencial educativo da Oficina de Turismo Social – Viver São Paulo, e a importância que tal participação adquire na expansão do universo cognitivo, bem como na construção de laços sociais, contribuindo para a redução do isolamento e, conseqüentemente, para o bem-estar psicológico das(os) participantes.

Artigo 2

Turismo, Aprendizagem e Ativação de Memórias:

O Caso da Oficina de Turismo Social –

Viver São Paulo (UnATI/EACH/USP)

Pelos relatos obtidos, verificou-se que o turismo vivenciado pelas(os) idosas(os) constitui-se de poderoso instrumento de educação não formal, à medida em que possibilita a chamada educação para e pelo turismo: ao mesmo tempo em que as visitas permitem a ampliação do repertório cultural das(os) idosas(os), também despertam uma reflexão sobre o próprio ato de olhar o mundo (começando pela própria cidade) a partir do estranhamento – condição essencial para a formação do turista cidadão mencionado anteriormente.

Outro resultado digno de nota – talvez o mais importante, segundo as transcrições aqui apresentadas – é a importância das práticas turísticas para a ativação de memórias sobre diferentes fases das vidas das(os) entrevistadas(os), que passam pela infância e pela adolescência, pelas relações familiares, pelo início da vida adulta e da atividade laboral, entre outras. Aproveitar o potencial dos processos desencadeados por essas visitas para revisitar o passado e pensar o presente dessas(es) idosas(os) é, assim, uma das grandes oportunidades a serem aproveitadas pelas(os) responsáveis pela oficina em suas próximas edições.

Deve-se ressaltar, por fim, que as entrevistas já realizadas, bem como outros estudos que possam ser desenvolvidos, podem desvelar, ainda, diversos outros elementos que atravessam as experiências e as subjetividades deste grupo, tornando a atividade analisada um locus particularmente interessante para a análise das relações entre turismo, envelhecimento e ativação de memórias. ↻

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. V. de; CACHIONI, M. Lazer e turismo como possibilidades educacionais no contexto da extensão universitária: a experiência da UnATI/EACH/USP. In: RUSCHMANN, D. van de M.; SOLHA, K. T. (org.). *Turismo e lazer para a pessoa idosa*. Barueri: Manole, 2012, p. 141-170.
- BENI, M. C. Uma nova era para o turismo. In: CORRÊA, T. G. (org.). *Turismo e lazer: prospecções da fantasia do ir e vir*. São Paulo: Edicon, 1996, p. 73-82.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484 p.
- DIEKMANN, A.; Jolin, L. Introduction: le tourisme social marqué au sceau de la diversité. In: DIEKMANN, A.; JOLIN L. (org.). *Regards croisés sur le tourisme social dans le monde: l'apport de la recherche*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2013, p. 1-11.
- FÚSTER, L. F. *Introducción a la teoría y técnica del turismo*. Madrid: Alianza Universidad Textos, 1985.
- GASTAL, S.; MOESCH, M. M. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.
- RODRIGUES, J. P.; ALMEIDA, M. V. de. Animação sociocultural e atividades intergeracionais: o turismo social como um facilitador no acesso ao lazer e à cultura. In: MAGALHÃES, A. M.; PEREIRA, J. D. L.; LOPES, M. de S. (org.). *A animação sociocultural e a educação intergeracional no contexto do envelhecimento no meio rural e urbano: atividades, técnicas, métodos e estratégias para uma vida ativa*. Chaves: Intervenção, 2018, p. 159-167.
- SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, 208 p. (Coleção Práticas Docentes).